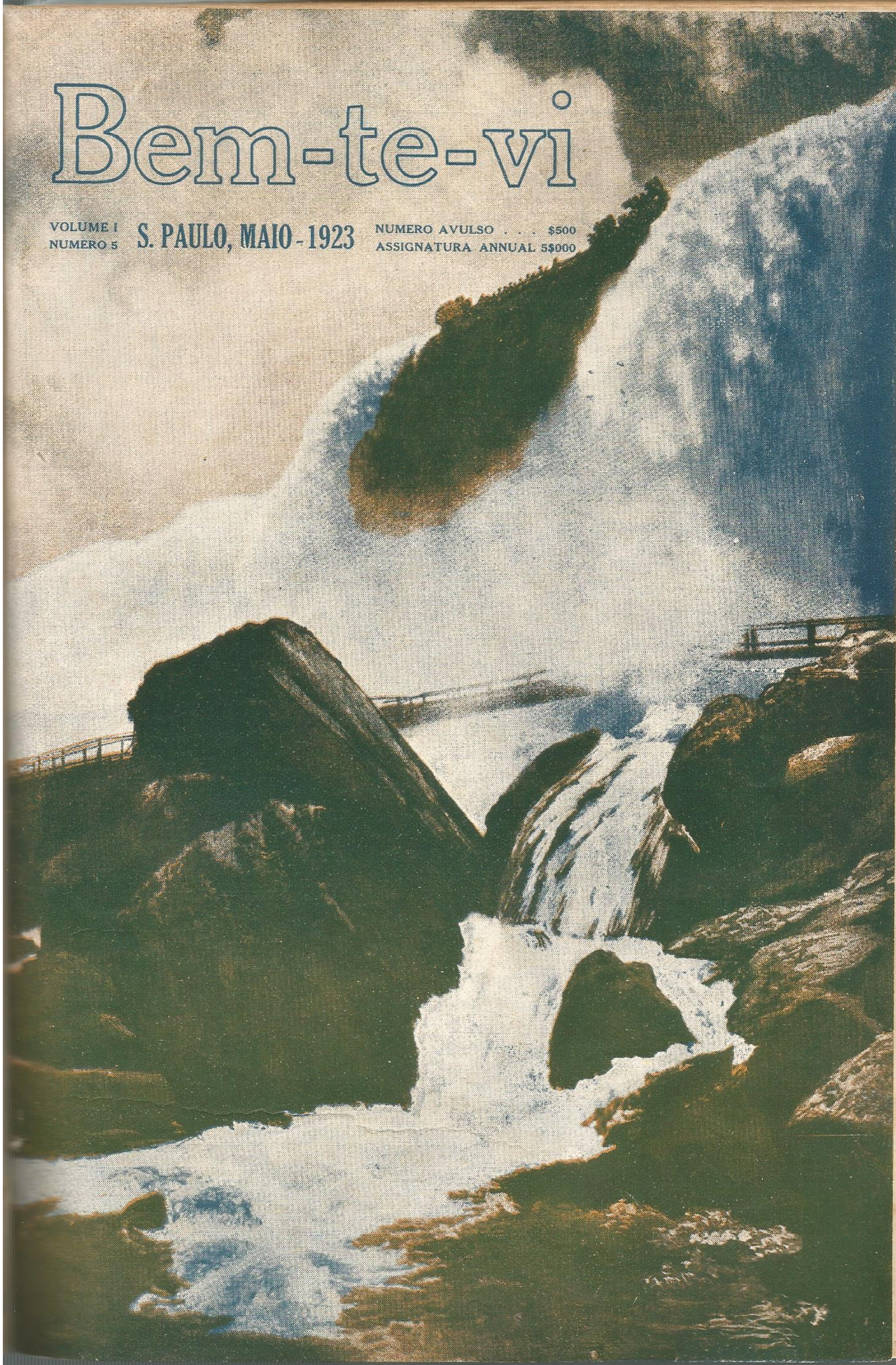

Bem-te-vi
VOLUME I
NUMERO 5
S. PAULO, MAIO - 1923
NUMERO AVULSO . . . $500
ASSIGNATURA ANNUAL 5$000

Queridos Amiguinhos,

Fiquei satisfeita com o interesse que mostraram nos concursos do mez de Março.

Recebi diversas historias interessantes e gostaria de publicar todas, mas publicarei a melhor, que foi escripta por Bertha Pinto Ferraz, de Araraquara.

As listas que me foram enviadas estavam cheias de palavras engraçadas, exquisitas e um bom numero dellas inventadas... Os amiguinhos estão querendo augmentar o nosso vocabulario? Irra... não façam isso, temos ainda tantas palavras difficeis para aprender!

Depois de ler e reler as listas e consultar varios diccionarios e encyclopedias, o resultado foi o seguinte: duas meninas—Helena Cerf e Irene Clay ficaram cada uma com 120 palavras correctas. Fiquei satisfeita em dar dois premios em vez de um. Parabens ás vencedoras.

Mais uma vez, convido os queridos leitores a collaborarem no "Bem-Te-Vi". Desejo que cada numero seja mais interessante e mereça da parte dos amiguinhos maior apreciação.

Enviem para o "Bem-Te-Vi" "tratos á bola", charadas, historias originaes, photographias, receitas de doces e de bolos, brinquedos e jogos ou qualquer material que possa ser publicado.

Agradecida,

subscrevo-me

L. F. Epps

UM CONVITE

Vamos duplicar o numero dos assignantes do "Bem-Te-Vi"

Antes do principio de Junho!

Recebi um bom numero de pedidos dos amiguinhos que querem comprar copias da linda capa, usada no "Bem-Te-Vi", no mez de Março. Resolvi tirar diversas copias em papel cartão, de boa qualidade, e offerecer uma a cada amiguinho que me enviar cinco mil réis para uma nova assignatura.

Tirarei um numero limitado destas copias. Por isso, quem quizer receber uma, deve mandar immediatamente o seu pedido e uma nova assignatura.

Esta copia é uma bonita vista da bahia do Guanabara, onde se podem ver as montanhas tão conhecidas da Gávea e dos Dois Irmãos.

De vez em quando, escolherei, para capas do "Bem-Te-Vi", lindas paizagens do nosso Brasil. Offerecerei estas vistas, como premio, aos leitores que arranjarem novas assignaturas.

Todos os amiguinhos são convidados a angariar novos assignantes. Apreciarei qualquer auxilio prestado neste concurso. O meu endereço é:

Miss L. F. Epps

Imprensa Methodista

Cidade de São Paulo

BEM-TE-VI

EDITADO PELA IMPRENSA METHODISTA, RUA DA LIBERDADE, 117 | REDACTORA — L. F. EPPS.

ANNO I :::: N. 5
REVISTA MENSAL

São Paulo-Brasil, Maio 1923

ASSIGNATURA
ANNUAL. . . 5$000

Descobrimento do Brasil

A—Venha cá, minha amiguinha,
Vamos juntinhas brincar,
B—Vamos sim, companheirinha,
Vamos rir, rir e folgar!
A—Veja lá se adivinho:
Vamos brincar de esconder.
B—Isso não, mamãe não quer
E temos que obedecer.
A—Vamos brincar com bonecas?
B—A minha já está quebrada...
A—Então fazemos escola,
Qual nossa escola estimada!
B—Isso sim! Que boa lembrança!
Serei a mestra gentil!
A—Mas desejo que me ensine
A Historia do Brasil!
B—A Historia Brasileira?
Com muito contentamento!
A—Então conte do Brasil
O feliz descobrimento!



B—Já começo! Muito quieta,
Prestando toda attenção,
Não quero que se distraia.
Não perca, pois, a lição.

O nosso caro Brasil
Era ainda ignorado,
Quando foi pelo Cabral,
Em boa hora encontrado.

Foi no dia 3 de Maio
Do anno 1500.
Esta data enaltecemos,
Neste dia, aos quatro ventos!

Vamos juntas, minha amiga,
A nossa Patria saudar,
Pois o seu descobrimento
Estamos a celebrar!

A—Da minha Patria adorada
Não me esqueço um só momento!
A—B—Salve, pois, de nossa terra
O feliz descobrimento!





"O Homem Que Abria Olhos"

Tór estava com uma fome terrivel, mas não se importava com isso. Quando sentia o estomago roncar, só o que fazia era apertal-o mais de encontro á roupa esfarrapada. Toda a vida elle estava acostumado a sentir fome. Certa noite sentou-se na calçada e baixou a cabeça coberta de uma linda cabelleira encaracolada. Logo depois descansou-a sobre os magros joelhos e nesta posição ficou quieto por longos minutos.

A lua cheia, subindo vagarosamente além da Torre de Antonia, sorriu para a cidade de Jerusalém. Tór conversava sósinho, lembrando todas as cousas que aconteceram desde a ultima vez que a lua cheia appareceu sobre a torre. Antes disto tinha passado a vida nas ruas de Jerusalem, alegre como os passarinhos: comendo e bebendo ou jejuando, conforme a sorte do dia. Pensar era uma cousa nova e muito difficil para o menino que até então vivia despreoccupado. Passando os dedos entre os cabellos, elle se esforçava para lembrar todos os acontecimentos do passado.

Começou com a chicotada que recebeu do romano. Naquella noite de lua cheia, a carruagem dourada entrou rapidamente passando ao redor do Pretorio e seguiu para a Praça dos Herodes. Tór com outros garotos correram atraz da carruagem desde que ella entrou pelo portão de Damasco. Esperavam que o romano, guiando os fogosos cavallos, lhes jogasse um denario. Isto acontecia muitas vezes e o garoto que luctava com os companheiros, e sahia da lucta, mesmo ensanguentado, mas com a moeda na mão, era um conquistador famoso. Mesmo se recebesse uma chicotada nos hombros não seria novidade em Jerusalém; mas arriscava tudo isso na esperança de ganhar o denario. Esta vez, porém, o chicote, com pedacinhos de aço na ponta, bateu justamente nos olhos de Tór. O menino deu um grito, cahiu no chão como um animal ferido e escondeu-se no bueiro.

Ahi um dos seus companheiros o achou.—Estás muito machucado, Tór? Esquecerás a chicotada quando vires o que tenho para dividir comtigo.

Tór, porém, só queria agua para refrescar os olhos e alliviar a sua terrivel dôr. Zack, que assim se chamava o companheiro, soccorreu o amigo logo que pôde achar um vendedor de agua. Este era um rapaz alto que antigamente tinha sido garoto. Muito zangado, amaldiçoou todos os romanos, mortos ou vivos. Falando com Tór, disse:—A chicotada não doerá sempre. Daqui a pouco pódes tornar-te um mendigo cégo. E' um bom negocio, mas já ha tantos em Jerusalém.

Não posso! Nunca serei um mendigo cégo!—gritou Tór, batendo sua cabecinha nas pedras.

Passou aquelle dia terrivel, e assim passaram outros e muitos outros eguaes. A dôr cruel passou pouco a pouco, mas os olhos que eram tão vivos, estavam apagados e o menino se achava em completa escuridão. Tór tornou-se cégo. Passava os dias inteiros encolhido nos cantos das ruas, onde havia sombras frescas. Ahi, de vez em quando, pessoas bondosas ao passarem, jogavam-lhe uma moeda ou um pedaço de pão. Depois de algum tempo viu Tór que precisava aprender a odiosa petição dos mendigos. Esta era uma humilhação horrivel para o pobre menino.

Em um triste dia sahiu do seu logar costumeiro e poz-se a andar timidamente, apalpando as paredes. De repente parou, escutando uma confusão de vozes. Levou um susto ao perceber que uma pessoa se approximava. Virou-se e procurou alcançar a parede, mas alguem bondosamente lhe segurou a mão.

—Muito bem, amiguinho, gritou Zack, Estava correndo depressa para te buscar. Ouves aquelles louvores? Eu tambem estava cantando. Fui eu quem começou e os outros me seguiram. O **Rei** montado em um jumento, estava passando; os homens e as mulheres jogavam as suas capas no caminho. Eu, não tendo capote, apanhei uma grande folha e colloquei-a na estrada; num instante todos estavam fazendo o mesmo e cantando louvores ao Grande Homem. Elle encaminhou-se para o Templo e está ahi agora. Todos os homens, mulheres e crianças estão cantando os seus louvores.

—E' algum principe dos gentios? perguntou Tór. E jogava denarios aos meninos?

—Não, disse Zack—Elle talvez nem mesmo tenha bolsa, mas é um **Rei**, e mais que um "Rei". Escuta, o Filho de David está no pateo dos gentios, emquanto os cégos, os aleijados e os doentes estão entrando pelos portões. Elle cura todos os que imploram o seu auxilio. Tu terás os teus olhos outra vez, meu bem. Eu vim para te levar ao Grande Medico.

Zack e seu amiguinho cégo correram depressa entre a multidão, evitando o quanto possivel os guardas do Templo, que faziam tudo para impedir a entrada do povo.

—Eu O vejo, murmurou Zack, E tu O verás tambem, si eu conseguir arranjar um logar. Fique aqui entre estes dois aleijados, segure no capote deste homem. Depois me acharás perto do terceiro portão. Alli te irei esperar.

Tór sentiu-se no meio de uma confusão sem saber onde estava. Cambaleou atraz do seu guia, que era um aleijado. Seu coração batia tanto que quasi não ouviu o que disse a voz. Alguma cousa extraordinaria, porém, sentiu na alma. Elle viu a Jesus, e esta visão encheu sua vida. Resolveu então seguir sempre este Homem, ás vezes chamado o Filho de David, ás vezes simplesmente, o Nazareno. Tór não se importava com os nomes que os outros lhe dessem; para elle Jesus era o "Homem que abria olhos.

Era muito facil para um menino como Tór, com dois olhos abertos, ver o que quizesse em uma cidade como Jerusalém. Tór viu tudo o que aconteceu nos seis dias seguintes. Elle se achava entre a multidão que cercava o Nazareno. Dormiu escondido no Jardim de Gethsemani. Escutou attenciosamente todas as palavras pronunciadas pelos labios de Jesus quando falou no Templo com os judeus inimigos. Esperou com paciencia em frente das casas onde Elle comeu e dormiu.

Na sexta noite, Zack encontrou seu companheiro sentado na calçada, em frente de uma humilde casa.—Que estás fazendo aqui? perguntou o amigo.

—Esperando Jesus, respondeu Tór. Elle está ahi dentro e os doze homens estão com elle. Tenho medo daquelle de pescoço torto. Está torto porque elle olha sempre para traz como uma féra espantada. Olhe, elle vae agora sosinho.

Um homem curvado sahiu muito depressa, fechando a porta. Parou um instante e olhou para traz como si estivesse irresoluto. Logo depois Judas desappareceu nas sombras escuras da rua.

Tór não podia entender esta scena—era tão horrivel e tão triste. Mas, seguiu Jesus e viu tudo: a trahição no jardim, o vergonhoso julgamento; a multidão ao redor do Tribunal de Justiça, gritando, "Crucifica-O! Crucifica-O!" Exclamavam com o mesmo ardor com que gritavam "Hosannas" ha seis dias atraz. Depois... A CRUZ. Tór gemia com tristeza quando se lembrava daquella scena tristissima. Os olhos que olharam para o pobre menino cégo com amor e compaixão, agora estavam fechados; a mão que o tocou com o poder de cural-o, estava agora pregada ao ma-

deiro. O pequeno gritou na sua angustia:—Eu vou para Elle! Eu tenho de ir!

Ninguem reparou quando o menino entrou no Jardim. Tór percebeu pela luz das tochas os guardas romanos que guardavam o tumulo.. Chegou perto e deitou-se no chão, e como estava exhausto pela tristeza e pelo jejum, dormiu.

Quando o menino accordou, estava descansado. Por um instante sentiu-se feliz, mas de reprente lembrou-se de tudo...

Os guardas romanos tinham desapparecido; Tór percebeu isso immediatamente. Olhando cuidadosamente ao redor viu que o tumulo estava aberto; alli viu um homem com vestes brancas.

Tór approximou-se sem medo desta figura radiante e perguntou: "Onde está o Homem que Abre Olhos?"

—Elle não está aqui, respondeu o moço. Elle resuscitou como disse que faria e vae adeante de ti para a Galiléa. Lá poderás encontral-O.

Ouvindo as palavras do anjo, Tór abriu bem os olhos, em extase.—O Homem vive, suspirou o menino. E eu vel-o-hei. Virou-se como se fosse num sonho, e seus pés descalços não faziam barulho emquanto corria pelo jardim. Reparou numa mulher que soluçava, acabrunhada de tristeza. Com sua voz tremula dizia ella:—Senhor, se tu O tiraste, dize-me onde O puzeste e eu O levarei.

Tór sorriu alegremente na sua confiança. Os olhos abertos do pequeno reconheceram **Jesus** emquanto que a mulher pensava falar com o jardineiro Tór, ajoelhando-se, ergueu os olhos para Jesus. O rosto do pequeno reflectiu a Luz brilhante que emanava do rosto divino.

Esta Luz da Resurreição brilha até hoje. E si nossos olhos forem abertos por Jesus, nós tambem poderemos reflectil-a.

Florence Morse Kingsley.

Qual foi o mais esperto?

Não deixar uma cidade ou villa sem ter offerecido, a todos os habitantes, a Biblia e outros livros evangelicos, é a divisa dos colportores.

João era um novo colportor muito timido, mas ao mesmo tempo dedicado e enthusiasta no trabalho do Mestre. Foi o primeiro christão que entrou na villa de Lagoa Bonita e alli vendeu seus livros indo de casa em casa, excepto na residencia do padre. Ja se ia retirar daquella povoação quando se lembrou que não devia deixar nenhuma casa sem offerecer seus livros. Faltava-lhe, porém, a coragem para se approximar daquelle que, bem sabia, lhe receberia mal. Emquanto arranjava a mala para deixar a villa, foi tomado de um grande aborrecimento e ouviu a voz da consciencia que lhe dizia: Deus ama tambem ao padre e Jesus Christo morreu para salval-o.

—Que farei? perguntava João. Em fervorosa prece pediu coragem a Deus e tomando os livros partiu resoluto para a casa do padre.

O padre ao avistal-o chamou-o de filho do diabo e mandou-o embora. Emquanto João se retirava, o padre teve uma idéa e chamando-o perguntou-lhe: Si eu comprar uma Biblia, promette deixar a villa immediatamente?

—Não, disse o timido João. Mas, si o senhor comprar uma Biblia e mais dez livros dos que tenho para vender, dou-lhe a minha palavra de honra que deixarei a villa immediatamente.

—Concordo, disse o padre, e emquanto João tirava os livros elle contava o dinheiro.

—Com minha astucia livrei a villa do protestante vendedor de Biblias, pensava o padre.

PEQUENOS CIGANOS

CAPITULO II

Muitas vezes visitámos o logar onde Mamãe estava enterrada. Bem me lembro de uma vez que armámos a nossa tenda não muito longe do cemiterio. Tilly e eu fugimos e fomos visitar o logar onde jazia nossa querida mãe. Nós eramos muito pequenos e não sabiamos o caminho; sahimos bem cedo, de manhã, e só chegámos lá á tarde. Finalmente entrámos no cemiterio, mas não sabendo exactamente qual era a cova de Mamãe, fomos a uma casa perto e perguntámos: "Onde está enterrada a nossa Mãe?" Não pensámos que fosse necessario dizer os nossos nomes nem o de Mamãe. Felizmente a familia nos conheceu pela nossa roupa de ciganos; tambem se lembrava da triste historia da morte de uma cigana. As pessoas da casa tiveram pena de nós, a mãe até chorou, e mandou alguem para nos mostrar o logar exacto que estavamos procurando. Alli Tilly e eu ficámos falando muito baixinho, pensando e chorando até muito tarde. Procurámos algumas rosas silvestres e violetas e com muito cuidado as plantámos em cima da cova. Finalmente quando sahimos do cemiterio, parámos no portão e eu disse a Tilly: "Eu quero dar alguma cousa á Mamãe". Voltando bem depressa, enfiei na terra a unica cousa de valor que eu tinha quando era menino—um alfinete de ouro que alguem me deu e que os ciganos usam muito para segurar os lenços de seda ao redor do pescoço.

A senhora bondosa nos chamou e nos offereceu alguma cousa para comer; ficámos muito satisfeitos com esta amabilidade, pois estava ficando tarde e nada tinhamos comido. Quando chegámos em casa, Papae estava nos procurando por toda a parte. Zangado e prompto para nos castigar, elle perguntou: "Onde vocês ficaram o dia inteiro?" Quando dissemos que tinhamos ido procurar Mamãe no cemiterio, elle não disse mais nada, mas com os olhos cheios de lagrimas entrou na tenda e nos deixou em paz. Antes da morte de Mamãe, Papae ás vezes era muito severo e bravo, mas depois elle tornou-se muito mudado, o genio delle tinha passado por uma forte luta moral: bebia menos, zangava-se menos e fazia o possivel para ser um bom Pae.

Trabalhava bastante, fazendo muitas cousas que nós vendiamos, ganhando assim o necessario para a nossa vida simples. Eu gostava tanto de commerciar, e ás vezes vendia até oitocentos grampos de segurar roupa em um só dia. Eu sei muito bem que ás vezes caceteava bastante as senhoras. Ellas ficavam zangadas e diziam: "Vae embora, não queremos nada hoje". Mas, eu, com modos sempre delicados, respondia: Oh, minha boa senhora, estes grampos são os melhores do mundo, são bem comportados, não comem nada, não usam roupa, não choram e não fazem barulho". E ella rindo-se continuava: "Pois bem, comprarei alguns". Assim eu vendia a varejo, e ás vezes me tornava atacadista, vendendo muitas cousas aos negociantes das cidades. A's vezes, porém, eu não escapava tão facilmente. Numa occasião, por engano, fui á casa de um guarda-civil na cidade de Cambridge para vender as minhas miudezas. O official me apanhou e me levou á prisão porque eu não tinha a licença de vendedor. Eu contava nesse tempo só onze annos. Quando o juiz me perguntou porque eu não tinha licença, eu lhe disse: "Não senhor, não tenho, e não posso compral-

a, porque sou pequeno de mais, ha uma lei neste paiz que prohibe um menino fazer negocio antes de ter doze annos de idade, mas tambem ha uma lei dizendo que elle não póde roubar pão e eu preciso comer, sou um negociante honesto e gosto de trabalhar para ganhar o meu pão". O resultado foi que me soltaram, tive de pagar só uma pequena multa.

Todos os ciganos têm um certo respeito para com os direitos dos outros e todos são trabalhadores, mas nossa idéa de honestidade não nos prohibe de **achar** lenha, fructas, etc., no territorio alheio. Naquelle tempo o meu vestuario consistia sómente em um vestido, mas isto tinha as suas vantagens—não custava muito, não levava muito tempo para eu me vestir e tambem tinha bolsos enormes e bem escondidos. Um dia, bem me lembro, eu estava trepado numa arvore e me fartava de fructas. Os meus bolsos estavam cheios de ameixas e quando eu punha na bocca uma grande e bem madura, o dono da arvore appareceu alli e me convidou para descer. Eu immediatamente engoli a ameixa, carôço e tudo, senão elle era capaz de imaginar que eu tinha ido a procura de suas fructas. Não quiz acceitar o convite. Não tinha vontade de descer e perguntei ao homem o que queria. Elle respondeu:—Se queres saber, desce e eu te mostrarei. Dizendo isto, sentou-se como quem pretende passar o dia inteiro alli. Eu não podia ficar na arvore para sempre; resolvi descer, custasse o que custasse. O homem estava me esperando e me pegou pela orelha direita e me conduziu a uma outra arvore onde havia uma tabolêta e perguntou: "Sabes ler o que está escripto alli?" Quando eu disse que não, elle mesmo leu com uma emphase que nunca mais esqueci: "**Qualquer** pessoa que tocar nas fructas destas arvores será punida severamente!!" Desde aquelle dia nunca tive mais duvida sobre a significação da palavra **qualquer.** Elle me sacudiu bastante e me bateu dizendo que si eu não fosse o filho de Cornelius Smith, mandar-me-ia immediatamente para a prisão. Felizmente para mim Papae era homem de respeito e tinha muitos amigos onde quer que andassemos.

DOIS GRANDES PINTORES

Era uma vez um artista que se chamava Zeuxis. Elle era um grande pintor. Pintava com tanta perfeição que seus quadros muitas vezes se confundiam com os originaes.

Certa occasião Zeuxis pintou algumas fructas. Ficaram tão parecidas com as verdadeiras, que os passarinhos vieram bical-as. Este facto fel-o tão orgulhoso que exclamou: — Eu sou o melhor pintor do mundo.

Havia, porém, um outro pintor famoso que se chamava Parrhasius. Este, ao ouvir que Zeuxis se orgulhava de ser o melhor pintor, decidiu-se a humilhal-o.

Pintou um quadro que parecia estar coberto por uma cortina. Convidou Zeuxis para julgal-o. Este, ao contemplar o quadro, disse: Arrede a cortina para o lado e depois julgarei a pintura.

Parrhasius deu uma gostosa gargalhada e disse:

—A cortina é a pintura.

—Vejo que você é o melhor pintor do mundo. Eu illudi os passarinhos, mas você acaba de enganar a um artista celebre, disse Zeuxis.

Algum tempo depois disto, Zeuxis pintou o seguinte quadro: um menino carregando uma cesta cheia de lindas cerejas vermelhas. O quadro era uma perfeição. Zeuxis o dependurou na porta, ao lado de fóra, para que todos o admirassem. Mas, quando os atrevidos passarinhos vieram bicar as fructas, Zeuxis se entristeceu e disse:

—Este quadro é imperfeito, porque se não o fosse, os passarinhos teriam medo do menino e não viriam bicar as fructas.

Maria Borralheira e o Sapato de Vidro

Nos tempos idos, quando ainda existiam fadas, vivia uma menina chamada Maria. Ella não tinha mãe. Morava em um lindo palacio com seu pae e era a menina mais feliz do mundo.

Um dia uma senhora, com duas filhas ricamente vestidas, entraram no palacio e Maria sentiu-se acanhada na presença dellas. Mas, quando o pae lhe disse que esta seria a sua nova mãe, sua madrasta, e as moças suas irmãs, Maria sorriu-se contente pensando que teria boas amigas.



As novas irmãs, porém, não foram carinhosas para com ella. Tiraram-lhe os brinquedos e mandavam-lhe fazer o serviço da casa. Maria lavava os pratos, os talheres, varria a casa e cuidava das gallinhas. Quando terminava a tarefa diaria, cansadinha ia assentar-se ao borralho e alli ficava vigiando o brazeiro amortecido. Por causa deste costume foi chamada Maria Borralheira.

Um dia Maria Borralheira ouviu dizer que o rei ia dar um grande baile. O principe estaria presente e todas as moças seriam convidadas para dançar com elle. As orgulhosas irmãs só pensavam no dia do grande baile. Fizeram lindos vestidos. Maria Borralheira, vendo que não iam leval-a, ficou triste.

O dia do grande baile chegou e Maria Borralheira, quando viu as irmãs ricamente vestidas, disse soluçando: —Eu tambem quero ir ao baile.

Quando a linda carruagem partiu levando as irmãs, Maria Borralheira foi sentar-se ao borralho e ali começou a chorar e a repetir: —Eu quero ir ao baile ... Eu quero ir ao baile ...

De repente ella ouviu uma voz muito doce dizer:—Você irá.

Maria Borralheira ergueu a cabeça e viu uma linda fada que disse:—Eu sou a fada sua madrinha; se você me obedecer em tudo sem me perguntar, você será muito feliz.

A fada beijou a Maria Borralheira e suas lagrimas desappareceram.

—Primeiro, você tem de trazer-me uma abobora, disse a fada.

Maria Borralheira correu para a horta e trouxe a maior abobora que encontrou. A fada tomando a abobora deixou-a cahir. Depois, ao toca-la com a mão, transformou-a em linda carruagem. Esta era forrada de velludo azul e tinha portas de ouro.

—Agora, eu quero uma ratoeira, disse a madrinha.

Maria Borralheira trouxe a ratoeira com seis ratinhos que ao toque da fada transformaram-se em um cocheiro e seis lindos cavallos. Estes foram atrelados á carruagem.

—E agora, disse a fada, traga-me dois lagartos.

Maria Borralheira foi buscal-os e entregou-os á fada. Estes foram transformados em dois lacaios.

Maria Borralheira batia palmas de alegria.

—Feche os olhos—ordenou a fada. Maria Borralheira fechou os olhos e quando abriu, viu que estava com um bello vestido. Era o mais lindo que ella usava na sua vida. Os sapatinhos eram de vidro.

Quando ella já estava prompta, a fada abriu a porta da carruagem.

—Entre—disse esta. — Vá ao baile, mas não se esqueça que tem de voltar antes do relogio bater meia noite".

Maria Borralheira prometteu obedecer-lhe e partiu. Ao chegar no palacio o principe veiu recebel-a. Elle trajava uma linda casaca azul e trazia ao lado uma espada cujo punho era de ouro cravejado de brilhantes. O principe, tomando as mãos de Maria Borralheira, dirigiu-se para a sala do baile. Todos pararam de dançar para admirar a belleza da moça que entrava.

Maria Borralheira dançou tanto com o principe que se esqueceu da promessa feita á boa fada. De repente ella olhou para o relogio e viu que já ia bater meia noite. Maria Borralheira, toda assustada, sahiu depressa da grande sala de baile, tão depressa, que lá deixou um sapatinho.

Emquanto Maria Borralheira sahia da sala, descia as escadas, passava entre alas dos elegantes lacaios e chegava á porta da sahida, o relogio batia doze pancadas. Maria Borralheira pulou para a rua, mas oh! a linda carruagem e os cavallos tinham desapparecido. Então ella reparou que a sua rica vestimenta se transformára no feio vestido caseiro.

Pobre menina! Chorando, ella correu para casa. Quando as irmãs chegaram, foram encontral-a assentada junto do borralho.

No dia seguinte o rei enviou um mensageiro pela cidade, tocando uma corneta de prata e todo o povo veiu escutal-o. Elle dizia que o principe tinha achado um sapatinho de vidro, que sabia pertencer a uma linda moça com quem dançára no ultimo baile. Não a conhecia, mas estava tão apaixonado que só com ella se casaria.

Todas as moças foram convidadas a experimentar o sapatinho. Finalmente o mensageiro chegou á casa de Maria Borralheira. As irmãs anciosas por experimentarem o sapatinho, chamaram Maria Borralheira para as ajudar. Ellas experimentaram, e experimentaram, mas o sapato não serviu.

—Deixe-me experimental-o — disse Maria Borralheira.

—Não—disseram as irmãs. — Este sapatinho não é para uma cozinheira.

O mensageiro chamou Maria Borralheira e a fez sentar-se na cadeira. Ella calçou o sapatinho que lhe serviu perfeitamente.

De repente a fada madrinha appareceu e ao toque della Maria Borralheira foi transformada em uma bonita moça elegantemente vestida.

Então Maria Borralheira e o mensageiro entraram na carruagem e dirigiram-se ao palacio. Ali chegando celebraram, com muita pompa, o casamento do principe com Maria Borralheira.

"Ao nosso ver a chave mysteriosa das desgraças que nos affligem, é esta, só esta: a **ignorancia popular.**"

(Ruy Barbosa).

"Fóra da liberdade, não sonhe ninguem a verdadeira prosperidade, material ou intellectual".

(Ruy Barbosa).

"Não ha justiça, onde não haja Deus."

(Ruy Barbosa).

"Vós os que tendes entregado ás artes, ás letras, ás sciencias, não esqueçaes que de toda ellas a mãe é a liberdade."

(Ruy Barbosa).

A PAGINA DOS LEITORES

("Eu vejo em cada criança a possibilidade do homem perfeito")

CONCURSO DE MARÇO

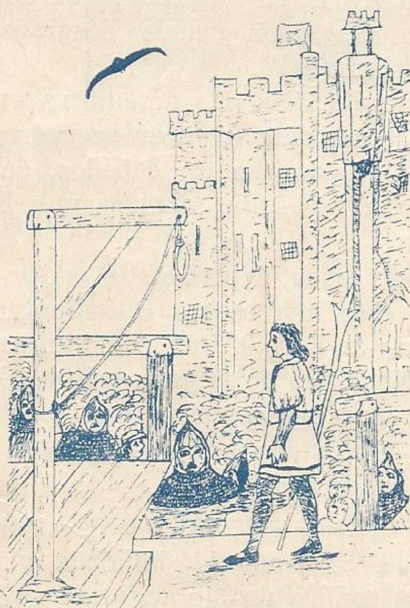
O FIM DA HISTORIA DE UM PRINCIPE

—Tudo farei para vos alegrar.

Então os tristes ministros contaram ao rei o que acontecera.

. . . .

O rei depois de ouvir seus ministros disse: — O castigo que tinha sido im-



posto a quem soltasse o passaro será cumprido no principe, meu filho.

Os ministros ficaram aterrorizados com aquellas palavras do rei.

No dia seguinte ia haver a execução do principe.

Todos julgavam que o rei tinha enlouquecido.

Raiou a aurora no horizonte, o sol começava a lançar seus raios luminosos. O povo todo se alvoroçava para ver a execução do principe tão criança, tão meigo e innocente para soffrer pena tão cruel.

Chegou o fatal momento. Depois de despedir-se de sua familia, dos companheiros de folguedos, subiu ao patibulo.

Quando estava tudo prompto, todos ouviram um sussurro rouco que vinha do alto. Todos olharam para cima e viram o terrivel passaro que estava sendo o culpado da morte da pobre criança.

O rei ordenou, então, que não se executasse a sentença até segunda ordem.

A ave veiu direito sobre os hombros do principe e segredou-lhe alguma cousa ao ouvido. Todos ficaram attonitos.

A ave, em dado momento, agarrou o principe pela cintura e o levou pelos ares. Apesar dos gritos do povo, a ave sumiu levando o principe. No mesmo momento o rei mandou arautos por todas as cidades em procura de seu filho.

A ave levando o principe baixou em uma linda floresta. Chegando ao chão, ella se transformou em uma bella princeza. O principe ficou encantado com aquella formosura e pediu-a em casamento.

A princeza então lhe contou que devido á sua belleza, uma bruxa a tinha transformado naquelle medonho passaro, e que no dia que alguem désse a vida por ella, o encanto terminaria.

Casaram-se então, e foram muito felizes.

Por este modo milagroso, semelhante ao caso de Abrahão e Isaac, o rei não quebrou sua palavra e o principe foi salvo.

(Escripta por Bertha Pinto Ferraz, de Araraquara).

A LENDA DAS PEDRAS VERDES

Ha muitos annos os indios do Brasil contaram aos portuguezes da existencia de uma serra maravilhosa. Esta reflectia uma luz verde logo ao nascer do sol. Este facto chegou a ser conhecido em Portugal.

Era crença geral que nessa serra deveria existir esmeraldas, por isso que os seus reflexos eram verdes.

Nesse tempo o Brasil era colonia de Portugal. Os reis pensaram logo em apoderar-se das riquezas. Prometteram mundos e fundos áquelles que descobrissem a tão falada serra.

Muitos brasileiros, desejosos de se tornarem nobres, sahiram á procura da Serra Resplandecente.

O bandeirante, Marcos de Azeredo, conseguiu descobrir a serra luminosa. Levou algumas pedras ao Rei, mas, não querendo contar onde ficava a serra, foi preso. Este ambicioso bandeirante morreu na prisão.

O Rei, então, convidou Fernão Dias Paes Leme, para ir procurar a Serra Resplandecente. Este só depois de muitos annos conseguiu chegar ao sitio onde ficava a serra.

Fernão Dias, aprisionando um indio, perguntou-lhe a respeito da serra. O indio contou-lhe a seguinte lenda:

A Mãe d'Agua morava no lago. Nas noites de luar ella subia á tona dagua e cantava. O seu canto era tão doce e suave que attrahia os guerreiros. Então a Mãe d'Agua extendia os braços para o guerreiro, e o guerreiro afundava no lago e não voltava mais.

Os indios pediram ao deus da guerra que salvasse os guerreiros. O deus mandou que os indios velassem o somno e a vida da Mãe d'Agua. Os seus cabellos verdes eram compridos; entraram na terra e viraram pedras.

O deus da guerra disse: "A vida da Mãe d'Agua está em seus cabellos. Um fio menos será um dia de vida que se perde. Quem arrancar as pedras verdes terá arrancado o somno ou a vida da Mãe d'Agua.

Os indios serão os guardadores do seu somno. E, se a Mãe d'Agua accordar ou morrer, uma grande desgraça cahirá sobre vós!".

Fernão Dias não acreditava em lendas e mandou arrancar as pedras verdes — que eram os cabellos da Mãe d'Agua. O indio amaldiçoou a Fernão Dias.

Não levou, depois disto, muito tempo que este morresse. O indio tomou a morte de Fernão Dias como um castigo. Então, cheio de alegria, gritou, olhando o cadaver do bandeirante:

—O portuguez morreu... a Mãe d'Agua viverá!!

MEZ DE MAIO

ESMERALDA

A esmeralda é uma bella pedra verde. As esmeraldas incolores, as côr de rosa, as amarellas e as aguas marinhas são chamadas **beryllos**.

A esmeralda era chamada pelos antigos **a pedra magica.** Segundo elles, esta pedra tinha o poder de dar forças aos velhos e acalmar as pessoas nervosas. Usada em uma joia de ouro fazia ter sonhos propheticos.

Uma das mais lindas esmeraldas é a que enfeita a coroa do papa.

A bella esmeralda lapidada que Nero usou como vidro de augmento para ver os jogos do circo, tornou-se celebre.

O conquistador Cortez levou para a Hespanha cinco esmeraldas. Estas eram tão bonitas que foram cubiçadas pela imperatriz. O guerreiro Cortez as deu de presente á sua noiva. Isto fez com que a imperatriz ficasse despeitada. Desde então começou a perseguil-o. A invejosa com suas calumnias fez que Cortez fosse desprezado pelo imperador.

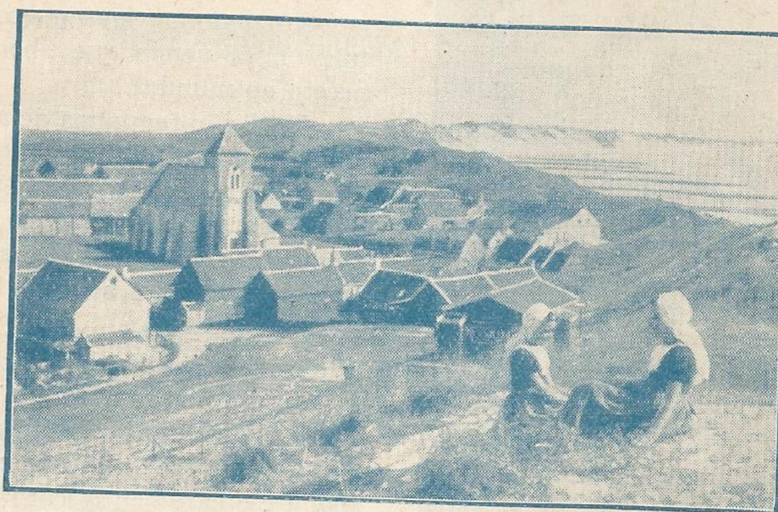
As minas de esmeraldas encontram-se na Colombia, no Egypto, na Russia e na Australia.

A esmeralda significa Felicidade.

NOSSOS AMIGUINHOS

A Hollanda é um pequeno e lindo paiz. Seu terreno é muito baixo e para o mar não entrar, os seus habitantes tiveram de fazer fortes e altos muros. Estes são chamados diques e medem 30 metros de grossura.

O clima é frio e humido. Os campos são cobertos de capim verde. Na estação das flores os canteiros de papoulas e jacinthos attraem a attenção de todos; pessoas de outros paizes vão viajar na Hollanda nesse tempo para admirar os campos floridos.



As villas estão rodeadas de grandes arvores que escondem as casas, e só deixam ver os moinhos de vento. Estes são enfeites e dão ás villas uma bella apparencia. As casas dos hollandezes ricos são verdadeiros museus. Elles apreciam as collecções, os trabalhos artisticos, os livros e os quadros de valor.



As cidades e as villas são separadas por canaes. Estes são navegados por centenas de navios de velas brancas e bandeirinhas de côres.

Nesta terra, que ás vezes é chamada: "A Terra dos Moinhos de Vento", ou "A Terra dos Sapatos de Madeira", tudo é limpo. Desde ás cinco horas da



manhã, já as criadas estão lavando as calçadas, limpando as vidraças e arrumando as casas. O interior de cada casa é enfeitado com jarras de flores ou vasos com lindas folhagens.

RAIOS DE SOL

(Escripto por Heloisa Marinho, uma amiguinha do "Bem-Te-Vi")

Ao pôr do sol os raios estavam conversando entre si.

—Boa peça preguei hoje ao Juca Preguiçoso! — disse rindo um dos raios. Elle cuidava haver fechado bem as cortinas hontem á noite, mas assim mesmo achei um buraquinho e entrei! Que cara impagavel, a do Juca!

—Você anda perdendo tempo á toa a importunar os outros—disse um raio sonhador, que voltava naquelle instante do cimo de uma arvore onde se havia demorado mais tempo que os outros. Que tolice! Andar accordando as pessoas contra a vontade, quando se podem transformar as gottas de orvalho em mil pedras preciosas!

—Ora esta! Sou muito mais esperto do que você! Emquanto você se demorava no Pão de Assucar fazendo não sei que, empreguei melhor o meu tempo! Beijei uma violeta que se queria esconder de mim atraz das folhas! Queimei a pelle de uma menina faceira! Ella zangou-se commigo, mas pouco me importei. Está vendo que bons serviços presto ao mundo?

—Você não tem alma de artista! disse indignado o raio sonhador—não sabe que gozo sinto em dourar os montes e as aguas, em correr após as sombras fugitivas e em pintar com as cores mais resplandecentes o arco-iris!

—Calem-se, calem-se! De todos aqui quem tem trabalhado mais sou eu! Se o mundo fosse confiar em raios brincalhões e sonhadores, estaria bem arranjado! A roupa da lavadeira ficaria molhada e o café por seccar! Accordo antes que todos e trabalho o dia inteiro! Sou o mais indispensavel, porque sou o mais util!

Emquanto os outros contavam suas proezas, um raiozinho conservava-se calado. Emfim, cansados de discutir, viraram-se para elle e perguntaram:

—E você, que fez hoje?

—Não fiz quasi nada! respondeu o modesto raio.

—Que preguiçoso! Então ficou dormindo todo o dia?

—Não, respondeu hesitante o raiozinho. Hoje de manhã, entrando pela janella de um casebre, vi um menino alejadinho. Mostrou-se tão contente por me ver que fiquei brincando com elle o dia inteiro. Elle gostou tanto, coitadinho!

Os outros ficaram commovidos da bondade do pequeno raio.

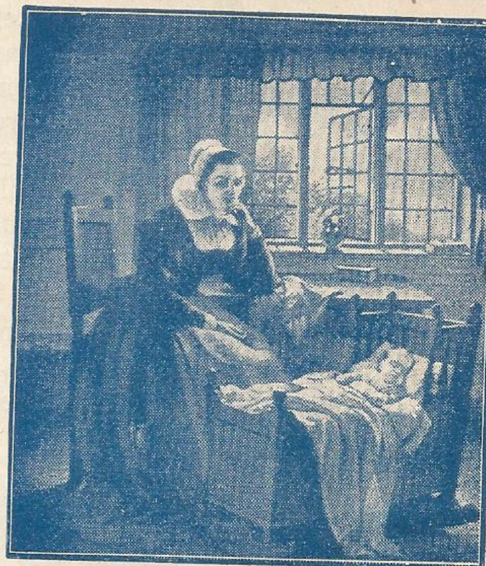
—Vamos colorir o ceu em honra delle! disse o raio sonhador. —Vamos! vamos! exclamaram os outros—Viva nosso amiguinho, o caridoso!

Todos unidos tingiram o ceu de rosa e ouro! As pessoas da cidade diziam umas ás outras que nunca tinham visto um pôr de sol tão bello.

GALERIA

NASCEU EM ABRIL

William Shakespeare



Nesta figura vemos o pequeno William Shakespeare. Pertencia a uma familia modesta e se tornou o poeta mais genial do mundo. Suas obras foram traduzidas em mais ou menos 40 linguas. Todo o mundo civilisado lê e aprecia as obras de Shakespeare.

Como um Menino salvou uma Cidade

Houve uma vez um menino, que, fazendo uma cousinha á tôa, salvou uma cidade.

Na Hollanda a costa é muito baixa, e, para o mar não inundar o paiz, os habitantes tiveram de fazer muros fortes e altos, ou diques.

Se estes muros se abatessem, o mar entraria, derrubaria todas as casas e afogaria a gente toda.

Um dia, ao escurecer, o tal menino ia voltando para casa e viu a agua entrando por um buraquinho em um dos diques.

Elle sabia que perigo havia se não se tapasse aquelle buraquinho, porque cada vez ficaria maior, e, afinal, o mar inundaria tudo.

Que fazer? Se fosse chamar alguem, podia já chegar muito tarde.

Sentou-se ao pé do dique e tapou o buraco com a mão, esperando que alguem passasse.

Foi anoitecendo, anoitecendo; cada vez ficava mais escuro, mas o menino não se mexeu.

Tinha frio e fome e estava cansado, mas não se arredou dalli.

A noite parecia nunca se acabar.

Elle sempre no mesmo logar.

Passado muito tempo, appareceu um homem. Ouviu um gemido. Olhou em roda. Viu um menino e perguntou: — Que é que estás fazendo ahi, menino?

—Estou tapando um buraco e salvando a cidade, respondeu o pobrezinho do menino, com os beicinhos tão frios que quasi não podia falar.

O homem, então, tomou o seu logar, emquanto elle ia chamar gente.

Os homens vieram e concertaram o dique e a cidade foi salva, graças á mãozinha de um menino.

O SACRIFICIO DE JOSÉ DAMIEN

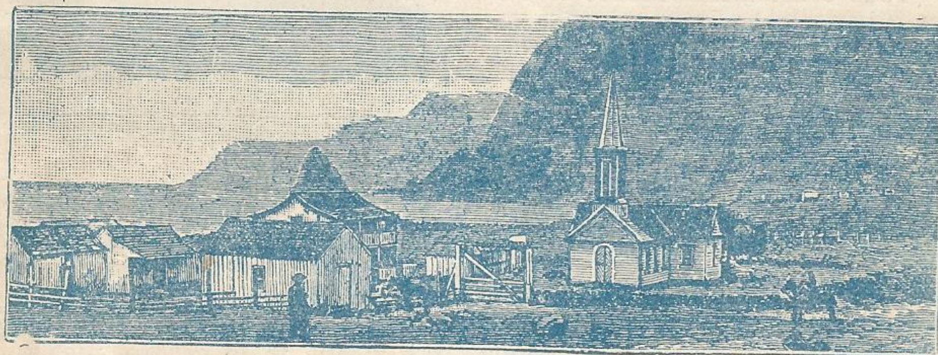
Annos atrás, na Belgica, dois irmãos frequentavam o mesmo collegio, preparando-se ambos para a carreira do sacerdocio. O mais velho, tendo quasi terminado os estudos, estava prestes a partir como missionario para terras longinquas, do Mar do Sul. De cada vez que falava do trabalho além dos mares, seus olhos resplandeciam com um brilho mais vivo e sua bocca se dilatava num largo riso que lhe punha á mostra todos os dentes.

Um dia, entretanto, este moço foi para cama, sentindo-se muito doente. A febre enfraqueceu-o: tornou-o magro e melancolico.

—Estará elle doido? perguntavam entre si os estudantes.

E porque estaria José Damien tão contente em ir para o exilio? Porque queria elle renunciar á terra feliz cujo povo falava sua propria lingua e cujos habitos e costumes lhe eram tão familiares? Porque queria elle ir trabalhar entre selvagens, lá para além dos tempestuosos mares, esquecido e ignorado de seus amigos?

Já elle havia deixado o mundo para se tornar sacerdote; e era claro que se alegrasse em ser um humilde missionario. Amava, mais do que a pompa do mundo, mais do que a felicidade do lar,



(Onde José Damien trabalhou na Ilha Molokai)

Certa vez, seu irmão mais moço chegou-se á beira do leito e perguntou-lhe de mansinho: — Ficarias tu contente se eu te substituisse no teu trabalho missionario? Os olhos do pobre doente resplandeceram por um momento; depois, docemente e sorrindo, apertou a mão do mano dedicado num assentimento solenne e mudo.

O irmão mais moço escreveu á Missão supplicando-lhe que o deixasse partir para o Oceano Pacifico, para o logar destinado ao enfermo. E certa manhã, quando manuseava seus livros de estudo, chegou o superior do collegio com o consentimento pedido.

O rapaz, doido de alegria com a grata nova, começou aos pulos, e, sahindo da sala, correu a rebolar-se pelo pateo, como se fôra um animal selvagem.

mais do que o amor de pae e mãe, o Salvador que viveu praticando o bem, e que a todos os que o amavam mandava tomar a cruz e seguil-o.

José Damien, transbordante de alegria, partiu, afinal, para as longinquas ilhas do Mar do Sul e tornou-se um missionario. Até aos trinta e tres annos trabalhou elle nas ilhas. Um dia ouviu o bispo dizer que não havia encontrado missionario bastante dedicado para ir trabalhar entre os leprosos da ilha Molokai. Emquanto isso, as pobres creaturas jaziam abandonadas á mercê da mais terrivel molestia e dos mais horrorosos peccados.

José Damien, cujo bondoso coração sempre se commovêra á narrativa das historias sobre os pobres leprosos, supplicou ao bispo que o enviasse á ilha Mo-

lokai. E o bispo, incontinenti, deferiu o seu pedido.

Mais uma vez José Damien mostrou seu altruismo e desprendimento, porque sahir do meio de selvagens para ir viver entre leprosos, era ainda maior sacrificio do que sahir da Belgica para ir viver entre gente incivilizada.

Os leprosos viviam sós, separados dos sãos e desprezados por todo o mundo.

A horrivel miseria dos seus corpos fazia-os miseraveis de alma.

Suas choças eram immundos chiqueiros, onde elles viviam como animaes irracionaes. Eram horrorosos á vista e repulsivos á alma. Nem se póde descrever os horrores e a tristeza da ilha de Molokai.

José Damien veiu a estes desterrados com a simples mensagem do amor de Deus. E seu rosto illuminado, sua voz e seus ternos olhos e, acima de tudo, a fé viva que inspirava suas palavras, os transformaram de animaes em homens, e de homens em filhos de Deus. Então sentiram-se os miseros envergonhados dos seus peccados e começaram a crer que Deus talvez os amasse, apezar de suas transgressões. Uma coisa, porém, era bem verdade: — José Damien os amava enternecidamente.

Durante dezesseis annos, este dedicado e santo homem viveu entre os leprosos. Construiu-lhes uma egreja, edificou-lhes melhores casas, dotou-os de abastecimento de agua adequado. Mais que isso: elle os afagava, pensava-lhes as horriveis feridas, confortava-os na hora extrema e cavava-lhes a sepultura onde repousassem dos seus soffrimentos. E o mundo, cá fóra, muita vez ouviu falar deste sacerdote solitario que trabalhava entre os leprosos. Alguns escreviam-lhe, outros enviavam-lhe recursos, outros iam vel-o e ajudal-o. Por muitos annos, trabalhou José Damien entre esse povo afflicto, até que, afinal, tambem elle cahiu victimado pela terrivel molestia.

Um dia, o symptoma appareceu. Havendo elle derramado uma vasilha com agua fervendo, uma parte do liquido attingiu-lhe o pé.

Espantado por não sentir a dor da queimadura, dirigiu-se ao medico.

—Estarei eu leproso? perguntou elle.

—Sinto muito dizer-lhe, respondeu o doutor, mas esta é a verdade; você está com lepra.

E, desde aquelle momento, Damien já não dizia nos seus sermões, "Meus irmãos", mas, "Nós, leprosos".

Apezar de tudo, sentia-se feliz. E se abandonando a ilha fosse possivel a cura da terrivel molestia, mesmo assim elle não abandonaria os seus pobres leprosos.

Apezar de doente, continuou trabalhando, ao passo que a morte se infiltrava impiedosamente através de seu corpo. Afinal, quando Damien se deitou para nunca mais se levantar, seu gesto foi orar a Deus e agradecer todas as bençams e confortos que havia recebido.

—Quando estiver nos ceus, porventura esquecerá os pobres orphams que deixou após si? perguntou-lhe um amigo.

—Ah! isso nunca! disse sorrindo Damien. Se eu tiver credito com Deus, intercederei por todos os irmãos da Leprosaria.

—Quer deixar-me sua manta, como fez Elias, irmão? perguntou-lhe um sacerdote.

—Para que? perguntou Damien. E ajuntou vagarosamente: **Está cheia de lepra.**

Que fina manta para os hombros de um rei! Tecida de lagrimas, de soffrimento, de piedade, de misericordia, de amor á humanidade soffredora, nenhum monarcha a possuiu mais cara!

Pouco depois José Damien morreu e sua alma foi recebida pelos anjos na gloria immortal—unica recompensa á altura de sua vida, tão fertil em sacrificio e em abnegação.

O GATO QUE VOLTOU



Miau, miau, miou o gato. Estou com fome. Aqui não tenho outra cousa para comer... é leite no pires... leite e mais leite... Deixarei esta casa e irei á procura de pessoas bondosas que me dêm petiscos deliciosos.



O gato partiu. Depois de muito andar, encontrou-se com um lindo esquilo que pulava alegre nos galhos de uma arvore frondosa.

—Miau, miau, miou o gato.

— Que tens, gato? perguntou o esquilo.

—Estou com fome, miou o gato.

—Queres algumas nozes? disse o esquilo.

—Mas, não posso comer nozes, miou o gato.—Até logo. Irei adiante.

O gato andou e andou até encontrar um burro.



—Miau, miau, miou o gato.

—Que te aconteceu gato? Zurrou bondosamente o burro.

—Estou com fome, miou baixinho o gato.

—Pois bem, queres comer do meu capim? zurrou o burro.

-- Mas, não como capim, miou o gato. Até breve. Seguirei o meu caminho.

Então, o gato partiu e depois de muito caminhar, viu um passarinho. Este cantava ao balanço do galho agitado pela brisa que perpassava.

—Miau, miau, miou o gato.

—Que tens, gatinho? chilreou o passarinho.

Estou com fome, respondeu o gato.

—Vou procurar uma minhoca, para dividil-a comtigo, disse o passarinho.



— Não, eu não como minhocas, miou o gato.

Até logo, bondoso passarinho. Irei adiante.

Então, o gato, cansado partiu e andou até que se encontrou com um porco.

—Miau, miau, miou o gato.

—Que te aconteceu, gato? grunhiu o porco.

—Estou com fome, disse o gato.

—Pois bem, não fique triste, venha commigo e eu te darei do meu milho, grunhiu mansamente o porco.

—Mas eu não como milho, miou o gato.

—Até logo. Seguirei o meu caminho.

O gato, partindo, continuou sua viagem. Logo adiante encontrou-se com um veado.

—Miau, miau, miou o gato.

— Que tens gatinho, perguntou o veado.

— Estou com fome, falou o gato.

—Eu te darei uma porção de grama tenra e fresca, offereceu o veado.

— Mas, não posso comer grama, miou, descontente, o gato.

Seguirei o meu caminho.



Então, o gato partiu e depois de muito caminhar, encontrou-se com um homem assentado em uma pedra, tirando leite de uma vacca.

—Miau, miau, miou o gato.

—Que tens? gritou o homem.

—Estou morrendo de fome, disse o gato, quasi sem forças.

—Bem, vá procurar o que comer, disse asperamente o homem. Não tenho leite para te dar, preciso guardal-o para os freguezes.

—Eu sei, miou o gato tristemente. Seguirei o meu caminho.

O gato continuou muito triste o seu caminho quando, de repente, ouviu um assobio alegre; voltando-se, viu um menino que vinha com um sacco ao hombro.

—Miau, miau, miou o gato.

—Que tens, gatinho, perguntou o menino bondosamente.



—Estou com fome, disse o gato.

— Não tenho aqui nada para te dar, disse o menino. Mas, como parece que estás cansado, poderei levar-te dentro do sacco até a tua casa. Onde moras?

— Moro na chacara do Benedicto, disse o gato.

Então, o menino collocou o gato dentro do sacco e partiu.

Chegando á casa, deixou o gato perto do portão.

—Miau, miau, miou o gato triste, encaminhando-se para a cozinha.

—Que tens, pobre gato? perguntou a cozinheira com muita pena.

—Estou com muita fome, miou o gato.



—Pois bem, aqui tens o teu pires de leite, disse a cozinheira.

—Oh, que bom! Muito obrigado, miou o gato, lambendo gulosamente o leite do pires. Oh! como isto é delicioso! Afinal de contas, o melhor logar neste mundo é a nossa propria casa.

A COLLINA

—Ai, não posso subir esta collina! dizia um pequeno.—E' impossivel, impossivel! Que será de mim? Ficarei toda vida aqui no sopé porque não posso subir. Que será de mim?

—Que pena!—respondeu-lhe a irmã. —Mas... olhe aqui. Achei um optimo brinquedo! Dê um passo e veja as marcas do teu pé impressas no chão. Que engraçado! Veja as minhas agora: vê-se claramente o signal de cada pé. Agora, dê você outro passo.

O menino deu outro passo.

—O signal dos meus pés está tão claro como o seu! gritou elle.

—E' mesmo! respondeu a menina. —Agora olhe outra vez; vou dar outro passo. Ih! como o signal está fundo! Isso é porque eu sou mais pesada que você. Dê outro passo. Vamos ver o que sahe.

—Viva! Viva! Agora o signal dos meus pés é tão fundo quanto o seu! gritou o menino enthusiasmado. Olhe, Olhe! Estão bem fundos na terra.

—Muito bem! E' mesmo!—respondeu a irmã.—Agora é minha vez. Deixe-me dar outro passo. Vamos ver.

E assim continuaram os irmãos, passo a passo, rindo-se ao ver a poeira sujar seus alvos pés descalços.

De repente o menino estacou, exclamando:

—Ih! Estamos no topo da collina!

A menina respondeu:

—Na verdade, irmãozinho, aqui estamos!

O Paizagista e o Pescador

I





Paizagista: — Não faltava mais nada do que vir para ahi esse estafermo atrapalhar-me a scena. Como hei de expulsal-o daqui? Já sei. Espera lá um pouco. Vaes partir daqui como um raio. Pintemos primeiro neste velho cesto um par de olhos.

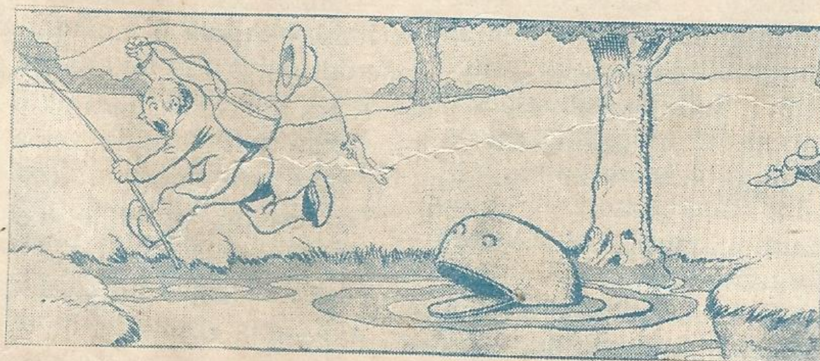
II





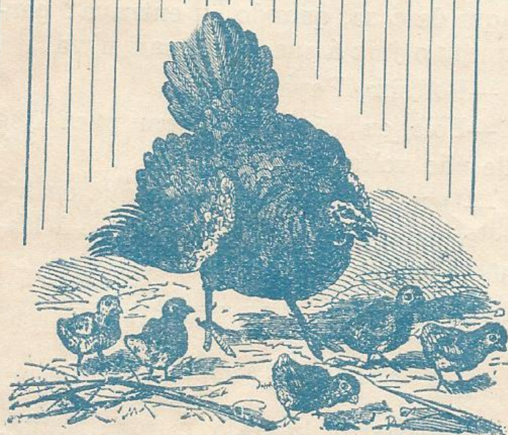
—Está bem. Agora, como o calor é muito, um pequeno banho não me póde fazer mal. Deixo aqui a roupa e metto-me na agua. — Brr...r! Como está fresca! Mas, não é nada. Vem cá, meu cesto, vaes servir-me de gôrro á falta de outro. Mergulhemos.

III



Pescador assustado: —Santa Barbara! Valei-me!... Um tubarão!...

O CONSELHO DA GALLINHA



Disse o primeiro pintinho:
"Quem me dera
que eu achasse
moscazinha
bem gordinha!"

Disse o segundo pintinho:
"Quem me dera
que eu achasse
um bichinho
bonitinho!"

Disse o terceiro pintinho:
"Quem me dera
que eu achasse
um grãozinho
amarellinho!"

Disse o quarto pintinho:
"Quem me dera
que eu achasse
uma folha
bem verdinha!"

"Olha aqui!" disse a gallinha,
"Se quizerem almoçar,
Não têm mais que esgravatar".

A gula, peccado de todos nós



PACIENCIA

Ingredientes:

3 chicaras de assucar
1 chicara de leite
1 colher de manteiga
Meia colherinha de bicarbonato
1 chicara de nozes.

Methodo: — Derrete-se uma chicara de assucar, juntam-se o leite, a manteiga e o assucar. Ferve-se até formar uma bola bem dura na agua. Deixa-se esfriar, bate-se bem e põem-se as nozes. Despeja-se em uma forma untada com manteiga. Corta-se antes de estar bem frio.

(Escripto por Laura Machado uma amiguinha do "Bem-Te-Vi".)

Brinquedos e Jógos

PALAVRAS QUE CRESCEM

E' este um brinquedo para crianças espertas. A primeira criança começa uma palavra com a letra A; a segunda criança ajunta outra letra; a terceira, outra, e assim por diante até que todas tenham tido a sua vez. Aquella que, completando a palavra, disser a ultima letra, sahirá fóra do jogo ou pagará prenda.

Por exemplo, a primeira criança diz a letra M; a segunda diz O; a terceira, T; a quarta, O. Chegou o momento critico: se a quinta criança disser R, estará terminada a palavra MOTOR e ella sahirá fóra do jogo. Mas, se a criança é esperta, não dirá R, dirá C; a sexta dirá Y; a setima, C; a oitava L; e... agora é a nona criança quem "está em palpos de aranha" porque se disser a letra O, formará a palavra MOTOCYCLO e sahirá fóra do brinquedo. Mas ainda ha recurso e a criança poderá facilmente sahir da enleada dizendo a letra I; a decima dirá S; a decima primeira T; e a decima segunda fatalmente terá de dizer a ultima letra, que é A, e com isso sáe fóra do brinquedo ou paga prenda. Formou-se a palavra MOTOCYCLISTA.

O ponto principal do brinquedo é encomprìdar uma palavra tanto quanto for possivel. A palavra começada deve ter pelo menos 4 letras e o brinquedo deve começar pela letra A e ir até Z, de modo que a primeira palavra comece por A, a segunda por B, a terceira por C e assim por diante.

TRATOS A' BOLA

LOGICA

—Qual a semelhança entre: sapato de borracha e saganso de bofenda?

R. Sa-PATO de bo-RACHA.
Sa-GANSO de bo-FENDA.

—Qual a differença entre o que faz um medico e o que faz a agua?

R.—O medico SE CURA, não mata; a agua mata SECCURA.

Quem me fez tem aza e vôa,
Fez-me de maneira e sorte,
Que estando no fogo sou agua,
E estando nagua sou forte.

R.—Cera de Abelha.

ANECDOTA

—Não foi o Macedo quem sahia agora, daqui de casa, quando eu entrava? perguntou o juiz á sua filha mais nova.

—Foi sim, Papae.

—Pois eu não dei ordem para que elle não voltasse mais?

—Deu sim, Papae, mas é que eu appellei para o Tribunal Superior, e a Mamãe revogou a sua sentença.

CASAL

Conheço um marido e uma mulher que nunca estão um ao pé do outro. Quando o marido chega, a mulher vae-se embora. Parecem inimigos, mas nunca brigam.

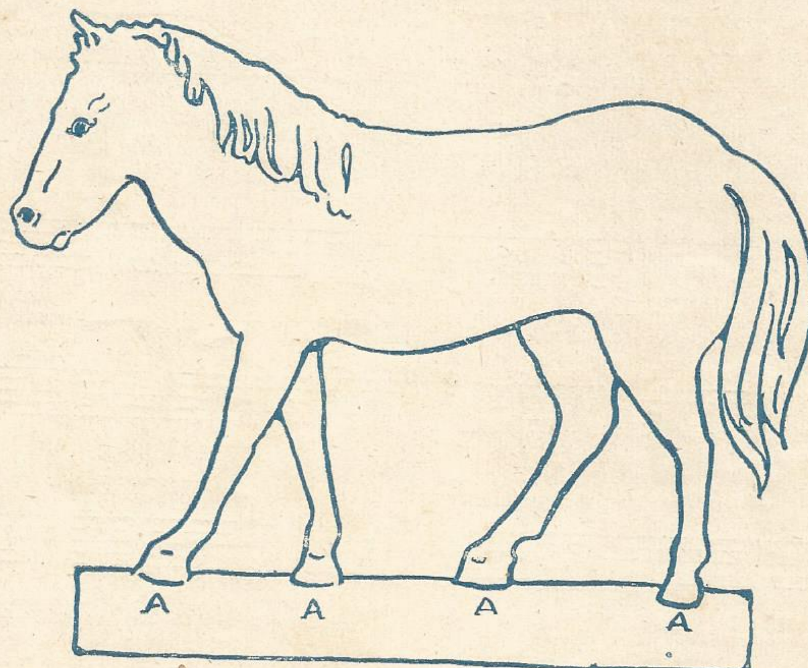
Não ha um casal mais velho em todo o mundo, mas tambem não ha um casal mais novo.

A mulher é escura, amante do somno e dos sonhos, e tem sempre mais de mil olhos abertos. O marido é claro, barulhento e cheio de vida, mas vê só com um olho muito, muito grande.

No verão a mulher é curta e o marido é comprido; no inverno o marido é curto e a mulher é comprida.

O marido é ardente; a mulher é fria.
Como se chama o marido?
Como se chama a mulher?
(Achareis os nomes no numero seguinte do "Bem-Te-Vi".)

Querem fazer um cavallo de papelão? Copiem a figura abaixo em papel de seda, collocando este sobre a figura. Depois, ponham a copia sobre um papel cartão e passem o lapis pelos contornos do cavallo. Tirem duas copias e cortem com uma tesourinha ou um canivetinho. Depois, passem um pouco de gomma, só no corpo do cavallinho, e reunam as duas partes. Deixem em baixo de um livro ou outro objecto pesado por alguns minutos, abram as patas do cavallinho e elle ficará de pé.



Pelo interior de Minas viajava um extrangeiro que tinha por guia um sertanejo. Com este elle conversava durante a longa viagem para se distrahir. De uma eminencia onde chegaram, o extrangeiro viu extasiado a extensão das terras que descortinavam. Alli então elle lembrou-se de dizer ao seu companheiro: Este Brasil immenso, João, foi descoberto por Pedro Alvares Cabral, que era um portuguez.

O sertanejo respondeu:

— Ora, patrão, para descobrir uma cousa tão grande, elle não precisava de procurar muito.

SUMMARIO

Bom Conselho

Certa vez, um rapaz chegou-se a um velho e pediu-lhe um conselho sobre certa questão.

— O senhor é meu amigo, dizia o rapaz ao velho, e foi amigo de meu pae. Sua opinião é para mim, mais valiosa do que qualquer outra, e creia que largamente guiar-me-ei por ella. O negocio sobre o qual venho consultal-o, influenciará minha vida inteira. Realizo-o ou não? Que conselho o senhor me dá? Qual é a sua opinião?

O bom do velho considerou, pensou, ponderou as razões e aconselhou que não fizesse. O rapaz agradeceu-lh'o enthusiasticamente e partiu. E emquanto andava, sacudia a cabeça e suspirava.
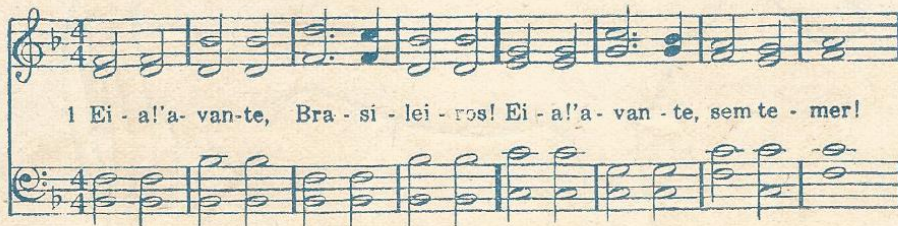
— Oh, que pena! dizia comsigo. O juizo daquelle velho, que antigamente era tão claro e são, está agora transtornado e caduco. Elle já não é o homem que dantes era! Está com o cerebro fraco. Que pena!

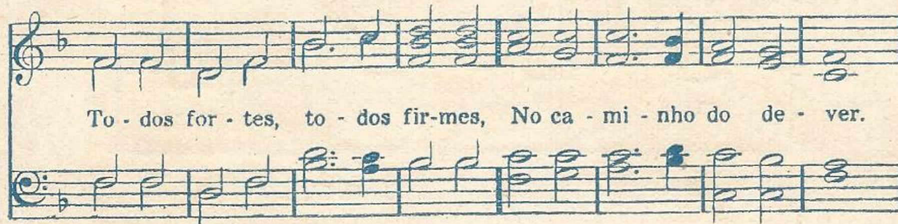
E a despeito do conselho, o rapaz foi e fez justamente o que o velho disse que não fizesse.
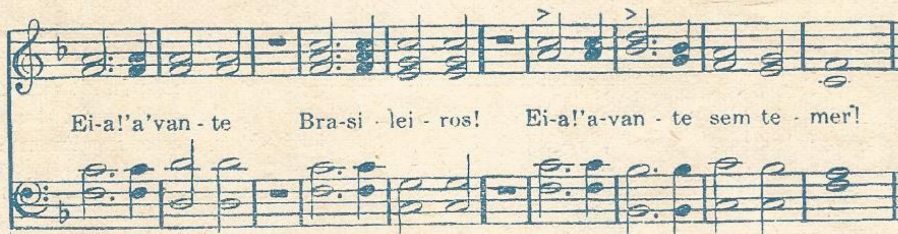
HYMNO PATRIOTICO

Letra e musica de Walter R. Casseis

MARCIAL







2

Cidadãos ! as mãos á obra.
Cada qual em seu logar.
Como nobres luzitanos
O direito sustentar.
  Cidadãos as mãos á obra,
  O direito sustentar.

3

Soccorrer aos pobresinhos,
A virtude proclamar
Defender aos opprimidos,
A maldade derrotar.
  A virtude proclamar,
  A maldade derrotar.

4

Nessa patria tão querida,
Nossa terra paternal,
Sejam todos patriotas,
Sem um homem desleal.
  Sejam todos patriotas,
  Sem um homem desleal !

5

Guarde Deus a nossa Patria !
  Salve Deus a nossa grei !
  Haja ordem e progresso
  Liberdade e boa lei !
    Viva a Patria ! Viva o Povo !
    Viva a ordem ! Viva a Lei !